

SIMPÓSIO AT045

Memórias ficcionalizadas: a representação na obra "a resistência", de Julián Fuks

MOREIRA, Ana Paula Almeida
IFF Campos
ana25hda@yahoo.com.br

Resumo: Há um interesse crescente pelo tema da memória coletiva . É compreensível, portanto, que os trabalhos de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva tenham sido apropriados pelos diversos estudos que procuravam romper com a dualidade entre indivíduo e sociedade. O objetivo é basicamente resgatar duas questões teóricas levantadas por Halbwachs: a antecedência dos quadros sociais da memória e a presença de lugares físicos e espaciais da memória coletiva, afim de traçar uma análise sobre o romance a "A resistência", de Julián Fuks.

Palavras-chave: Memória; antecedência dos quadros sociais da memória ;presença de lugares físicos e espaciais da memória coletiva

Abstract: There is a growing interest in the theme of collective memory.It's therefore understandable that the work Maurice Halbwachs on collective memory have been appropriated by the various studies looking to break up with individuone society.The objective is basically to raise the theories raised by Halbwachs; the advance of the social frames of memory and the presence of physical places and space da collective memory,in order to draw an analysis "A resistência", of Julián Fuks.

Introdução

A proliferação de todo tipo de discurso memorialístico nas produções literárias contemporâneas reflete a busca pela posse de um passado negado, subalternizado ou marginalizado, pelo intento de (re)apresentá-lo sob novos

paradigmas. Os romances históricos, memoriais, familiares e demais textos fundados no ato de rememoração empoderam os grupos que ficaram à margem da hegemonia histórica e social, criando um lugar de enunciação onde se reitera a força discursiva das narrativas, relativizando os processos históricos tradicionais e abrindo passo para novas perspectivas em relação ao passado ao qual se deseja filiar. Assim, a literatura pode penetrar nas falhas da história e da memória, remontando à fonte do vivido, reelaborando-o através da ficção na tentativa de preencher aquilo que foi vivido.

A memória pode conduzir à história ou distanciar-se dela. Segundo Maurice Halbwachs no livro *Memória Coletiva* (2004, p.89) destaca que a memória coletiva não se confunde com a história. A história são fatos que ocorreram em um passado e que ocuparam um maior destaque na memória do homem.

No romance “A resistência”, o livro narra a história da família de Sebastian, os pais e o irmão adotivo vieram para o Brasil na época da Ditadura Militar, o qual foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar, em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. Vale ressaltar que a vinda da família para o Brasil ocorreu em meio a terrível Ditadura na Argentina.

1-Um discurso memorialístico

Paulo de Salles Oliveira ressalta a partir de Bergson, que “A memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto” (OLIVEIRA, 2013, p. 92). Assim a narrativa do Julián Fuks vai ao encontro da teoria de Bergson, pois o livro é narrado por um narrador autodiegético que cria íntima relação com a memória, tornando possíveis determinados tipos de associações, dando amparo ao indivíduo para que ele saiba como agir. Isso revela que a memória nasce da combinação entre subjetividade e exterioridade, e espírito e matéria. Aclamado pela crítica, o livro é uma autoficção, pois

segundo Faedrich, ele rompe com o princípio da veracidade. É nessa intersecção entre a realidade e a ficcionalidade que o narrador, no ato de escrever um livro sobre seu irmão adotivo, narra a história da sua vida familiar, o período vivido pelos seus pais é turbulento, pois a história se passa da ditadura, portanto o exílio vivenciado pelos pais, que tiveram de deixar a Argentina devido à perseguição política. O teórico Halbwachs (2004) ressalta que há duas formas de memória: a individual e a coletiva. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que, na memória individual, as vivências e experiências guardadas por um indivíduo contêm aspectos da memória do grupo social onde ele se formou.

Parafraseando Halbwachs, existe uma necessidade da nossa memória de aproveitar da memória dos outros, e não basta que estes nos apresentem seus relatos, porém é necessário que ela não deixe de concordar com as memórias deles e que há várias proximidades entre as lembranças para que nos façam recordar e venha a ser constituída sobre uma base comum.

2-Memória Individual e Coletiva

No que concerne a memória coletiva, ela engloba a memória individual, mas não se confunde com ela, pois ele evolui conforme suas leis. Quando ocorre determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que “são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2004, p. 72).

Há uma necessidade de não deixar a memória morrer, pois ela está intimamente ligada aos lugares de seu pertencimento. O sociólogo Antonio Candido propõe em um dos capítulos de seu livro Literatura e sociedade, uma reflexão sobre como fatores socioculturais podem influenciar o artista em seu processo criativo, considerando “em que medida a arte é expressão da

sociedade”, e “em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais”. Sendo assim, concluindo o capítulo, Candido define a relação entre obra, autor e público como “inextricável” do ponto de vista sociológico. Segundo ele, a arte é um “sistema simbólico de comunicação inter-humana”, que “pressupõe o jogo permanente de relações entre os três”, formando uma “tríade indissolúvel” (CANDIDO, 1967, p. 23).

A memória possui lacunas ,uma vez que seja a quantidade de detalhes que guardamos das nossas vidas, estas cenas nunca serão visualizadas com total nitidez .

3-A antecedência dos quadros sociais da memória e a presença de lugares físicos e espaciais da memória coletiva

Existe aspectos inerentes tanto memória quanto identidade , estas são questões que estão fora do ator social quanto das construções simbólicas que temos acesso.A construção dessas novas identidades coletivas que são não-essencialista , a qual sofre uma opressão ou um esquecimento.

Halbwachs ressalta que qualquer que seja as lembranças do passado que porventura tenhamos, ela só poderá existir a partir dos quadros sociais da memória.A individualidade tem sentido e ela não se opõem a quadros sociais se pensarmos como construção.

Para o autor, nós construímos nossas memórias como membros de grupos sociais determinados e por esse processo utilizamos as convenções sociais, as quais estão disponíveis a nós.Os indivíduos não se lembram exatamente por eles, mas esta lembrança está atrelada ao outro.Dessa maneira,para confirmarmos ou negarmos esta lembrança que por sua vez estão localizadas em um espaço e em um tempo.

Aquilo que foi vivido por outras pessoas , resultou em experiências coletivas.Há em “A resistência” , um jogo entre ficção e realidade.A história baseia-se no irmão do narrador que é adotado e trazido para o Brasil. É fácil perceber que este irmão fora se afastando da família e na tentativa de compreender esse mote que ele traz variados aspectos sociais.

O narrador tenta de compreender o irmão que para ele ao longo dos anos foi se afastando da família, indiferente à cumplicidade doméstica, que três outros assuntos despontam: a repressão política, o resgate da memória e a compreensão de si por meio da escrita.

Muitas questões imbricam-se na narrativa: a adoção, que para o narrador é um ato de resistência: Talvez o desejo de ter um filho fosse naquele instante o que lhe restava de vida, fosse outra forma de luta, de recusa à aniquilação proposta pelo regime. Ter um filho há de ser, sempre, um ato de resistência. (FUKS, 2015, p.42).

A narrativa apoia-se em perspectivas que estão no tecido da memória, ela escora-se no escorregadio e firma-se sobre conceitos fugidios.

4-Considerações finais

Busquei enfocar aspectos da memória e discutir esta capacidade de rememoração pessoal, a partir do livro “ A resistência” ,de Julián Fuks, segundo o que foi proposto pelo estudioso Maurice Halbwachs.

Procurei mostrar nesse artigo é que a memória apresenta um caráter coletivo . Mas é valido ressaltar que isso não significa dizer que o narrador e o autor encontra-se plenamente aliado do processo de formação das suas lembranças. O personagem tem suas recordações. A memória não é totalmente coletiva, e também nem tampouco individual.

Referências

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

FUKS, Julián. **A resistência**. São Paulo: ed. Companhia das letras, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.